

Universidade da Maia – ISMAI
Departamento Ciências da Educação Física e Desporto

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Patrícia Mendes da Fonseca

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador Institucional
Prof. Doutor Bruno Miguel Soares de Oliveira

Outubro, 2021

Patrícia Mendes da Fonseca

N.º 30590

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Bruno Miguel Soares de Oliveira da Universidade da Maia e pela Professora Mestre Elsa Cabo da Escola Básica e Secundária do Levante da Maia

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Fonseca, P. (2021). Relatório da Prática de Ensino Supervisionado do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado ao Universidade da Maia.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

DEDICATÓRIA

A quem me ensina diariamente a verdadeira definição de “amor”:

Aos meus pais e irmão,

Por tornarem toda a minha formação Académica possível, por acompanharem todas as vitórias e todas as angústias como se fossem deles e por serem um apoio incondicional em todas as circunstâncias da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Por mais páginas de agradecimento que pudesse escrever, não seriam suficientes para expressar o modo de admiração e de gratidão que sinto pela **orientadora de estágio Elsa Cabo**, sem dúvida das pessoas mais importantes do processo da PES, que perante todas as minhas dificuldades e fragilidades, se mostrou presente e capaz de orientar e aconselhar, sempre com as palavras corretas.

Aos meus Pais António e Alexandrina, por fazerem os possíveis e os impossíveis para a conclusão da minha vida académica e por todo o carinho.

Ao meu irmão João, que embora seja mais novo me ensina tanto e por ser uma grande inspiração para mim em todos os sentidos.

À Família do coração, por serem mais do que amigos, por serem família e por todo o carinho que me proporcionam.

Às Tias do coração, Olga e Sandra, por me ensinarem que a vida é melhor quando se partilha memórias e sentimentos e por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, seja para chorar, sorrir ou festejar.

Ao PR, o meu mentor que me ensina dia após dia que a vida é uma festa quando a levamos de forma consciente e que me mostrou a importância de viver no acrescentar em vez de viver no retirar.

Ao meu Núcleo da PES Ana e Tiago, pela constante partilha de conhecimento, angústias e alegrias ao longo de todo o ano letivo e sobretudo por me ensinarem o verdadeiro significado de espírito de entreatajuda.

Ao Professor Bruno Oliveira, por toda a ajuda fornecida ao longo do ano e por todos os conhecimentos sábios.

À EBS Levante da Maia, que acolheu o meu núcleo da PES de forma incrível.

Aos meus alunos, em especial à **turma 8ºA**, por tornarem este primeiro contacto com o mundo escolar mais especial. Agradeço as partilhas, os sorrisos, as memórias e as saudades, que agora serão eternas.

A todo o corpo docente deste Mestrado, por toda a disponibilidade, partilha e dedicação que colocam no dia-a-dia na formação de um estudante.

Ao ISMAI, por me ter acolhido e proporcionado um crescimento académico e pessoal. Pela formação de excelência e por ter tornado real os meus sonhos profissionais.

O meu mais sincero obrigada!

Resumo

O presente documento foi elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), destacando-se como uma das etapas mais importantes para a conclusão do 2º Ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, realizado na Universidade da Maia, relativo à Unidade Curricular (UC) PES. O mesmo tem como propósito relatar as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo, havendo um confronto entre a prática e a teoria.

Para que a realização da PES se tornasse possível, contei com o apoio da escola cooperante, Escola Básica e Secundária do Levante da Maia, onde exerci funções como Professora Estagiária.

O Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (RPES) encontra-se dividido em oito partes: (1) Introdução – Breve contextualização do presente documento; (2) Enquadramento Pessoal e Profissional – O meu percurso de vida e as razões que me levaram a escolher ingressar neste mestrado, bem como as expectativas iniciais; (3) Enquadramento da Prática Profissional – Caracterização da escola cooperante e núcleo de estágio; (4) Realização da Prática Profissional – Relato da minha experiência ao longo do estágio profissional; (5) Participação na escola e Relação com a comunidade – Relato das atividades realizadas e tudo que envolve a profissão e o dever de um docente; (6) Desenvolvimento Profissional – Mencionadas todas as dificuldades sentidas em torno deste processo; (7) O momento de Ensino à Distância e, por fim, (8) as Reflexões finais.

Em suma, concretiza-se neste documento a reflexão de todas as experiências, obstáculos e sucessos que permitiram o enriquecimento pessoal e profissional.

Abstract

This document was prepared in the context of Supervised Teaching Practice, standing out as one of the most important steps for the completion of the 2nd Year of the master's degree in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education, held at the Instituto Universitário da Maia, concerning the Curricular Unit PES. The same aims to report the activities developed throughout the school year, with a confrontation between practice and theory.

For the realization of the PES to become possible, I had the support of the cooperating school, Levante da Maia Elementary and Secondary School, where I worked as a Trainee Teacher.

The Supervised Teaching Practice Report is divided into eight parts: (1) Introduction – Brief contextualization of this document; (2) Personal and Professional Background – My life path and the reasons that led me to choose this Master's degree, as well as my initial expectations; (3) Framework of Professional Practice – Brief characterization of the cooperating school and internship nucleus; (4) Realization of Professional Practice – Report of my experience during the professional internship; (5) Participation in the school and Relation with the community – Report of activities carried out and everything that involves the profession and duty of a teacher; (6) Professional Development – All difficulties felt around this process were mentioned; (7) The Distance Learning moment and, finally, (8) the final Reflections.

In short, this document reflects on all the experiences, obstacles and successes that allowed for personal and professional enrichment.

Índice de Siglas e Acrónimos

EBSLM – Escola Básica e Secundária do Levante da Maia

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

EFD – Educação Física e Desporto

ISMAI – Universidade da Maia

MEEFEBS – Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

OC – Orientador Cooperante

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

RPES – Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

SV – Supervisor

NE – Núcleo de Estágio

UC – Unidade Curricular

UD – Unidade Didática

MED- Modelo de Educação Desportiva

Índice

| | |
|---|-----------|
| DEDICATÓRIA..... | 4 |
| AGRADECIMENTOS..... | 6 |
| Resumo | 8 |
| Abstract..... | 9 |
| Índice de Siglas e Acrónimos..... | 10 |
| 1. Introdução..... | 13 |
| 2. Enquadramento pessoal e profissional..... | 14 |
| 2.1. Uma decisão a partir de um percurso | 14 |
| 2.2. Expectativas iniciais | 15 |
| 3. Enquadramento institucional..... | 17 |
| 3.1. A importância da PES | 17 |
| 3.2. A PES no ISMAI | 19 |
| 3.3. A escola cooperante: Lugar de prática..... | 20 |
| 3.3.1. Caracterização da Escola | 20 |
| 3.3.2. Caracterização das turmas..... | 23 |
| 3.3.3. Caracterização do Orientador Cooperante e Supervisor..... | 24 |
| 3.3.4. Caracterização do núcleo da PES..... | 26 |
| 4. Prática profissional: Plano da análise ao da intervenção | 28 |
| 4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem | 28 |
| 4.1.1. Conceção de ensino | 28 |
| 4.1.2. Planeamento..... | 34 |
| 4.1.3. Realização | 36 |
| 4.1.4. Avaliação..... | 40 |
| 5. Participação na escola e Relação com a comunidade..... | 42 |
| 5.1. Atividades realizadas | 42 |
| 5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação | 44 |
| 5.3. Socialização profissional e institucional | 45 |
| 5.4. A componente ético-profissional..... | 46 |
| 6. Desenvolvimento profissional..... | 47 |
| 6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão | 47 |
| 7. Ensino à distância..... | 48 |
| 8. Reflexões finais | 49 |
| 9. Referências Bibliográficas | 50 |

1. Introdução

Com o objetivo de finalizar este processo de 2º ciclo de estudos em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário (MEEFEBS) do ano 2020/2021, da Universidade da Maia (ISMAI), a última etapa é designada por Prática de Ensino Supervisionada (PES). Como objetivo da UC acima mencionada, foi-nos solicitada a elaboração do presente documento, Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (RPES) em complemento do processo de Prática de Ensino Supervisionada.

Como tal, o RPES, surge como a fase que marca o término da formação académica de um futuro docente. Representa o enquadramento de todo o processo da PES, a primeira experiência do Estudante Estagiário (EE) num contexto real de Ensino e a primeira oportunidade que este tem de colocar em prática todos os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo dos anos de formação académica.

O presente documento apresenta-se com a pertinência de refletir sobre toda a prestação ao longo da PES, de modo a melhorar e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

O RPES encontra-se composto por sete principais pontos, sendo eles o enquadramento pessoal e profissional, onde faço referência à minha autobiografia e expectativas iniciais; enquadramento institucional, onde reflito sobre a importância da PES, respetivo lugar de prática, a PES na Universidade da Maia (ISMAI) e núcleo da PES; prática profissional, que vai desde o plano da análise ao de intervenção, onde menciono a organização e gestão do ensino e aprendizagem mantida ao longo da PES; participação na escola e a relação mantida com a toda a comunidade escolar; desenvolvimento profissional, onde refiro as dificuldades sentidas, assim como a necessidade contínua de formação; ensino a distância onde abordo de forma mais pormenorizada como surgiu este novo método de ensino e como foi implementado; e por fim uma reflexão final sobre todo este processo.

Todo este processo foi acompanhado e orientado pelo Orientador Cooperante (OC), Elsa Cabo e pelo professor supervisor (SV), Bruno Oliveira, que foram fundamentais e imprescindíveis para obtenção de novos conhecimentos e habilidades no que remete a situações particulares com que enquanto EE me deparei, analisando criticamente os meios, os objetivos e as consequências das minhas opções pedagógicas.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1. Uma decisão a partir de um percurso

“Os fatores de decisão na escolha da profissão são resultantes de um conjunto de variáveis extrínsecas (contexto geográfico, fatores económicos, prestígio social da profissão, vivências escolares, etc.) e de variáveis intrínsecas que se podem relacionar com o prazer que se antevê no exercício da profissão a que se deseja aceder.”

Mesquita-Pires, 2007, p.124

Desde que me conheço enquanto pessoa que o desporto faz parte da minha vida, bem como a vontade de me manter ativa e apaixonada pela prática desportiva. Aos 5 anos de idade, os meus pais tomaram iniciativa de me inscrever nas aulas da modalidade de Natação nas piscinas do Maia Club, onde permaneci até aos 10 anos. O gosto pelas atividades aquáticas manteve-se, no entanto, os meus pais optaram por me retirar pela incompatibilidade de horários.

Ao longo da minha escolaridade, isto é, entre os 10 e os 17 anos de idade desenvolvi outra paixão, nomeadamente pela modalidade de Atletismo, na qual participava em competições ao nível escolar, bem como em competições ao nível regional e distrital, onde representava a minha escola. Através desta modalidade fui contactando com professoras que me inspiraram e me motivaram, podendo afirmar que tiveram grande impacto na minha vida, pois tornaram-se a verdadeira inspiração de ingressar na faculdade em 2015, no curso de Educação Física e Desporto (EFD) e prosseguir os estudos em 2018 no MEEFEBS. De facto, Knuppe (2004) afirma que uma vez que a identidade da criança é contruída desde o seu nascimento, através de um processo de socialização e interação com base nas relações sociais que estabelece com o meio e com os indivíduos, a família e o educador são, de facto, agentes que contribuem favoravelmente para o processo de construção da identidade e, por isso, são uma referência neste domínio.

Para além destas vivências, em 2014 inscrevi-me num ginásio, onde fui acompanhada por profissionais que conquistaram a minha admiração pelo seu empenho e interesse pela prática desportiva, bem como pela paixão de melhorar o dia-a-dia das pessoas que por lá passavam diariamente. Esse contacto tirou-me qualquer dúvida em

relação ao curso que iria candidatar-me e foi uma grande ajuda no que concerne à preparação para os pré-requisitos, provas que me permitiram o acesso ao ensino superior no ISMAI.

Estas experiências e o gosto que sempre demonstrei na prática de qualquer desporto, a par de me destacar desde muito cedo como uma criança energética, foram aumentando a minha paixão pelo desporto. Intervalos da escola, torneios interturmas, torneios interescolas, corta-mato, torneios de verão, jogos com amigos, andar de bicicleta em família aos fins-de-semana, foram sempre atividades que me proporcionavam sensações de bem-estar e felicidade, que até hoje guardo na minha memória.

2.2. Expectativas iniciais

O dia que mais ambicionei chegou, esse dia de lecionar e que assumir a responsabilidade de ensinar uma turma. O momento mais esperado desde o início da minha vida académica, de experienciar aquela que desejo que seja a minha Profissão no futuro.

O ano letivo 2020/2021 foi um ano completamente atípico devido às condições pandémicas em que vivemos atualmente e às restrições que esta nos impõe. Assim sendo, as minhas expectativas em relação à prática de ensino supervisionada (PES) sempre foram de um ano repleto de novidades, visto que se trata do meu primeiro contacto em contexto escolar, mas, simultaneamente, um ano com um novo conjunto de regras e diretrizes.

Relativamente à experiência em concreto, considero a PES uma oportunidade de extrema importância, ao qual pretendo aproveitar ao máximo, estando presente em todos os processos: desde atividades dentro e fora das aulas de educação física, até à organização e participação nas atividades que se iriam realizar ao longo do ano letivo. Estava expectante que a PES me trouxesse inúmeras oportunidades, mais precisamente:

- crescimento profissional, dando-me as ferramentas necessárias para lecionar as aulas de educação física num futuro próximo.
- oportunidade de aplicar, em contexto prático, todos os conhecimentos recebidos ao longo dos últimos quatro anos enquanto estudante.

Apesar do desafio, a referir posteriormente, que pode estar associado à PES, senti-me motivada para este ano letivo e com uma enorme ânsia de iniciar esta experiência que, conseqüentemente, me colocou à prova.

As minhas preocupações iniciais estavam relacionadas com a importância que acarreta a profissão de ser professor, ansiando estar à altura desta tarefa. Ser docente é uma das profissões mais importantes da nossa atualidade, tendo a capacidade de influenciar os mais jovens e auxiliar na sua formação enquanto cidadãos.

Nos dias de hoje, face aos elevados números de sedentarismo e até obesidade, considero que o papel de um professor de Educação Física é ainda mais determinante. Desafiar os mais jovens para a prática de exercício físico foi o meu objetivo final e a missão a que me propus. Deste modo, sinto que estas preocupações me ajudaram de alguma forma, na medida em que me serviram de motivação para me tornar uma profissional de excelência na arte de ensinar.

No que diz respeito ao local de ensino onde fui colocada, a Escola Básica e Secundária do Levante da Maia, ambicionei conhecer profissionais que me pudessem inspirar, podendo desta forma contribuir na formação da minha identidade enquanto professora. Para além disto, ansiei que o meu trabalho na PES fosse reconhecido positivamente, apesar da minha pouca experiência.

O meu grande objetivo na PES foi, de alguma forma, marcar a diferença quer na vida dos alunos, quer na comunidade escolar, contribuindo para a evolução da escola. Em relação aos alunos, fiz de tudo para lhes transmitir os mais importantes valores enquanto seres humanos, esperando servir como um exemplo na vida deles. Procurei estratégias para os manter motivados para a prática de exercício físico, tal como para a prática de uma vida saudável.

Concluindo, este ano foi um ano de constante aprendizagem e que, face a todas as adaptações e desafios que me foram propostos na PES, acredito que consegui realizar com sucesso todos os objetivos que foram traçados por mim.

3. Enquadramento institucional

3.1. A importância da PES

A PES trata-se de um processo complexo e multifacetado que se caracteriza pela transferência do conhecimento teórico para a prática, concebido através da formação individual e transposto para a escola com uma diferenciação de papéis, marcada pela passagem de estudante para EE (Albuquerque, Graça & Januário, 2005; Cunha, 2008).

Ao longo de três anos de Licenciatura e um ano de Mestrado, o EE é preparado de forma teórica e prática para a etapa da PES, o momento mais exponencial de todo o percurso académico.

Segundo as normas orientadoras da PES, este capítulo no percurso académico de um EE tem como objetivo geral o desenvolvimento de competências essenciais no exercício da docência em geral e de competências específicas da docência da disciplina de EF nos Ensinos Básico e Secundário, permitindo a formação de especialistas na área em questão.

Posto isto, a fase da PES pode ser considerada o momento culminante entre o conhecimento e a prática, em que um EE está mais próximo da profissão de Professor de Educação Física, na medida em que desempenha todos os papéis e responsabilidades que acarreta tal profissão. É nesta fase que o EE tem liberdade de aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos.

Esta etapa decorre ao longo de um ano letivo escolar, em que a mesma representa o início da vida profissional da Docência, a única capaz de nos transportar ao mundo real e ao contacto com a comunidade Escolar que acredito ser um, senão o momento mais marcante e relevante na carreira docente. Embora o período da PES seja exíguo, é muito marcante para o Professor/EE, na medida em que se representa como o início da sua vida profissional (Simões, 2008).

“Aprender a ser professor pode, assim, ser entendido como um processo de construção contínuo do estudante que diante de sua biografia (vivências pessoais) e de conceções prévias, quando confrontado com novas experiências na relação com o outro e com o meio, mostra-se capaz de atuar desenvolvendo novos modelos mentais.”

Batista, P., Queirós, P., & Gomes, P. (2019)

Pimenta menciona que os EE são incluídos no cotidiano da Escola e passam a desempenhar funções como “observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar e, conseqüentemente, propor alternativas de intervenção” (Pimenta, 2001, p. 76).

Estou convicta que todas as vivências ao longo da PES devem ser vistas com elevada importância. É-nos dada a chance de ser incluídos num contexto real e de trabalhar com profissionais, nomeadamente docentes com vários anos de experiência e, sem dúvidas, a formação mais enriquecedora que nos podia ser fornecida. Permite-nos absorver, observar e registrar vários métodos de lecionar e comunicar que contribuirá para a construção do nosso perfil enquanto profissionais no mundo do Ensino.

Para este processo, o NE, parte integrante do mesmo, revela um papel acrescido na construção de momentos de planeamento, reflexão, discussão, pesquisa e análise. O NE, composto pelos EE, SV e OC que operam como equipa que, segundo Queirós (2014), a identidade profissional e docente materializa funções e tarefas dispare que se devem experienciar e adotar progressivamente. Como tal, o SV e o perfil do OC, o seu saber, a sua experiência e o modo como perspectiva e operacionaliza as suas funções, representam para os EE, alicerces que harmonizam um desenvolvimento das suas competências.

Concluindo, tal como salva Piéron (1996, cit. Por Rodrigues & Ferreira, 1998), a PES “assume particular interesse na formação dos professores por ser uma etapa de convergência, de confrontação entre os saberes “teóricos” da formação inicial e os saberes “práticos” da experiência profissional e da realidade social do ensino”.

3.2. A PES no ISMAI

A PES, corresponde a uma UC, no ISMAI, inserida no último ano do segundo ciclo de estudos em MEEFEBS, sendo constituída pela Prática Pedagógica em contexto real de ensino, numa escola, bem como pelo RPES, defendido perante um júri.

No âmbito em que realizo a PES, no ISMAI, esta UC segue a sua organização enquadrada pelo Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio, que especifica as condições de obtenção de habilitação profissional para a docência. Todas as áreas de docência do ensino não superior, à exceção da docência em jardim infantil ou do 1o ciclo de escolaridade, obrigam à conclusão de um curso especializado de 2o ciclo (grau de Mestre) para um domínio de docência, com uma docência, com uma duração de 4 semestres (120 unidades de crédito do sistema europeu – ECTS).

Torna-se importante de destacar que o MEEFEBS, onde se encontra inserida a PES, divide-se em quatro áreas formativas que projetam o perfil do Professor de EF: a lecionação, a gestão educacional, o planeamento e a intervenção na comunidade educativa e envolvente. Em virtude de tal, podemos dizer que o MEEFEBS, visa aprofundar os conhecimentos adquiridos anteriormente no que diz respeito aos domínios da disciplina de EF, onde o EE aprende conteúdos relacionados com a organização e gestão escolar, que é exigido a um Docente. Para além disto, o EE aprende a aplicar os seus conhecimentos pedagógica e didaticamente, de um ponto de vista ético, social e cultural.

O contacto primordial com um contexto real de lecionação ocorreu antes do processo da PES, mais propriamente através da UC de Didáticas do Desporto na modalidade de natação. Esta UC concebeu-me a oportunidade de lecionar para um grupo de estudantes da Escola Básica e Secundária do Cerco, na Piscina Municipal de Cartes. Assim, um grupo de alunos foi atribuído ao meu grupo de trabalho, e a sua faixa etária estava compreendida entre os 7 e os 10 anos. Para além da modalidade de natação ser uma zona de conforto para mim, esta oportunidade permitiu-me perceber que estava no “caminho certo” no sentido em que a minha paixão são crianças e o desporto e que, aliado a isso, fui desenvolvendo capacidades de lecionação.

Não só foi uma oportunidade para mim, enquanto futura EE, como para aquelas crianças, pois foi perceptível a necessidade de carinho que algumas crianças da Escola Básica e Secundária do Cerco, tal como a necessidade de resposta em relação a alguns

comportamentos desviantes que os mesmos disponham. Sem dúvida, uma experiência marcante e de preparação para o momento da PES.

No contexto prático, é o ambiente ecológico da sala de aula que mais socializa o estagiário, provocando comportamentos de adaptação. Modificar esta estrutura é algo que não será fácil, uma vez que há uma série de atividades às quais os alunos estão habituados e concepções de ensino que são partilhadas tacitamente pelos professores (Barros, 2011).

A PES, tal como referido anteriormente, está inserida no 2º ano do MEEFEBS, um ano após esta experiência, onde me proporcionou uma grande evolução e choque de realidade das tarefas que a docência assim o exige. Todas as dificuldades que foram emergindo, caracterizadas essencialmente por complexidade, instabilidade, incoerência e desordem, foram vistos como um “abre olhos” para melhorar o meu futuro papel na atividade como docente.

3.3. A escola cooperante: Lugar de prática

3.3.1. Caracterização da Escola

Assim que cheguei ao parque de estacionamento da EBSLM, apercebi-me que a partir daquele momento seria a “minha” Escola por um ano. A primeira Escola que entrará para a lista de Escolas em que eu Lecionei e, possivelmente, a escola que mais influenciará a minha formação e percurso académico.

Desde o princípio que soube que seria uma escola que dificilmente me iria esquecer, por todo o impacto que iria sentir ao longo do ano letivo escolar. A escola que marcará a construção da minha personalidade enquanto profissional, bem como ao nível do meu “eu” pessoal.

A caracterização da EBSLM divide-se em 2 grupos: O Meio Envolvente e a História. O Meio Envolvente, irá descrever onde fica localizada a escola e algumas características que definem a freguesia e o que está em sua volta. Quanto à História, esta escola foi sofrendo algumas transformações ao longo dos anos e pormenoriza o que faz hoje ser a Escola Básica e Secundária do Levante da Maia.

O Meio Envolvente

A EBSLM, está localizada na freguesia de Nogueira, fazendo esta, parte do concelho da Maia. A Maia possui 5473 habitantes e tem 4,08km² de área. (2011).

A freguesia de Nogueira foi sede de uma freguesia extinta (agregada), em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, desta forma, uniu-se a Silva Escura, formando uma nova freguesia denominada Nogueira e Silva Escura.



Figura 1 – Fachada da Escola Cooperante, Escola Básica e Secundária do Levante da Maia

O nome desta freguesia deriva de “Nugária” (1258), árvore de nozes, porventura por terem sido abundantes nesta região. Localiza-se na parte central do concelho da Maia, abriga do sopé do monte da Senhora da Hora ou Monte Calvário, tendo como extensão cerca de 368 hectares. Tem como freguesias vizinhas Silva Escura (a norte), Milheirós (a sul), Vermoim (a poente) e S. Pedro de Fins e Águas Santas (a nascente).

Nogueira dispõe de uma série de estruturas que caracterizam o modo de vida dos nossos tempos, nomeadamente: transportes públicos, correios, instituições bancárias, Multibanco, Gabinete de Contabilidade, Bombeiros, Saúde, abastecimento de água e de luz, recolha de lixos e saneamento.

No que diz respeito a população ativa de Nogueira da Maia está ligada ao sector secundário e terciário de um modo equilibrado.

A História

A EBSLM foi sofrendo alterações desde o dia em que foi construída, por esse mesmo motivo torna-se importante referir as alterações a que foi sujeita ao longo dos anos, de modo a percebermos melhor a sua história e conhecermos as suas evoluções, que caracterizam a escola como a conhecemos atualmente.

A 14 de Outubro de 1986 foi publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86), nomeadamente o alargamento da escolaridade obrigatória, que levou ao aumento do número de escolas a nível nacional. Com isto, a 17 de abril de 1993, é realizada a inauguração da Escola C+S de Nogueira da Maia, cujo nome foi sofrendo algumas alterações ao longo dos anos, sendo a primeira alteração em 1999, passando a designar-se Escola EB 2,3 de Nogueira da Maia.

A 15 de Dezembro de 2007, foi inaugurado o Pavilhão Municipal de Nogueira, cuja utilização é partilhada pela escola e pelo Departamento do Desporto da Câmara Municipal da Maia, à semelhança dos dias de hoje.

Em 2009, a escola volta a sofrer alteração no nome, passando a ser conhecida por Escola Básica do Levante da Maia. No final desse ano, surgiram algumas alterações no que diz respeito ao modelo de gestão das escolas, surgindo assim a figura do Diretor de Escola/ Agrupamento. Ainda neste ano, a escolaridade obrigatória passa para 12 (doze) anos, o que explica o facto de a Escola Básica do Levante da Maia passar a integrar o Ensino Secundário.

A escola passou então a designar-se Escola Básica e Secundária do Levante da Maia (EBSLM), fazendo parte integrante da composição do Agrupamento de Escolas do Levante da Maia.

3.3.2. Caracterização das turmas

Quanto às turmas pelas quais os EE ficaram responsáveis, no início do ano letivo, ainda antes do começo das aulas, o núcleo da PES reuniu com o OC onde foi dada a total liberdade de escolha da turma que ficaríamos responsáveis o resto do ano letivo.

A minha colega Ana, ficou responsável pela turma do 10º ano, já o meu colega Tiago e eu, ambos ficamos com a responsabilidade do 8º ano. No entanto, apesar de cada um ter ficado encarregue de uma turma diferente, foi-nos concebida a oportunidade de lecionar a uma turma do 5º ano, onde seria repartida o número de aulas pelos três estagiários.

Quanto à minha turma do 8º ano, a faixa etária dos alunos do 8ºA, verificou-se que a maioria tem 13 anos (10 alunos) e que os restantes têm 12 e 14 anos (8 alunos). Podemos concluir que a turma é constituída por um total de 18 alunos (inicialmente começaram por ser 19 alunos, no entanto houve a desistência de um aluno a meio do mês de Outubro). Relativamente ao género, era maioritariamente constituída pelo sexo masculino (67%) mais precisamente com 11 alunos, sendo que os restantes 7 alunos são representados pelo sexo feminino (39%). Apenas um aluno era repetente do ano anterior.

Através do preenchimento de um questionário, percebi que 14 alunos, isto é, grande maioria da turma não apresenta qualquer tipo de problema de saúde. No entanto 4 alunos apresentam problemas de saúde, dentro dos quais: Diabetes/Asma; Asma de esforço; Hiperelasticidade e Doença Pulmonar (1 aluna foi sujeita a cirurgia há cerca de 1 ano atrás).

À pergunta “*Tens Atividades Extracurriculares*”, a resposta predominante foi “Não”, o que significa que grande parte dos alunos desta turma, mais propriamente 13 alunos, não praticam desporto/atividade física fora do âmbito escolar com regularidade. Os restantes 5 alunos responderam “Sim”, dentro das quais estavam incluídas a modalidade de futebol, voleibol e atletismo.

O meu desafio foi sempre manter a turma motivada em relação à prática de Educação Física.

3.3.3. Caracterização do Orientador Cooperante e Supervisor

A OC desempenha um papel omnipresente, mas de grande importância na evolução do núcleo da PES enquanto futuros profissionais. Pretende essencialmente incentivar na reflexão e na apreensão de uma postura crítica por parte do EE perante a sua prática (Neves, 2007). Exerce um posicionamento de constante provocação e desafio, capaz de nos incentivar a ser cada vez melhores e a sairmos da nossa zona de conforto. Muitas vezes elucida-nos dos prós e contras e questiona sobre cada tomada de decisão dos EE.

O dia em que nos foi dada a visita guiada pelas instalações da EBSLM, coincidiu com o dia em que conheci a OC Elsa Cabo. Desde esse primeiro contacto apercebi-me de que se tratava de uma docente bastante acessível e preocupada, mas também exigente.

Ao longo destes anos enquanto estudante, demonstrou ser uma, senão a docente mais importante durante este percurso, sempre disponível para o que nós, EE, precisássemos. A relação do meu núcleo da PES revelou-se sempre de muito próximo da OC, devido ao à vontade e tranquilidade demonstrado desde o primeiro momento em que nos cruzamos.

Se me pedissem para descrever a nossa OC, seria uma docente bastante organizada, calma, exigente, capaz de dar resposta às adversidades que iam surgindo sempre com serenidade. Havia uma frase muito comum que nós, núcleo da PES, dizíamos com frequência: “Quando for grande quero ser como a Elsa!”, precisamente por ter sido uma figura em quem nos pudemos apoiar e inspirar dia após dia ao longo de todo o ano letivo.

Desde o primeiro dia em que começamos a lecionar, os restantes EE permaneciam e observavam as aulas a serem lecionadas no momento, onde fomos incentivados desde cedo a retirar apontamentos dos aspetos positivos e negativos de cada um. Após cada aula observada e lecionada, existia um momento de partilha de feedbacks, que numa fase inicial começou por ser um papel inteiramente realizado pela OC. Esta postura fez-nos sempre refletir e analisar todos as aulas como ponto de partida para melhorar a qualidade das nossas aulas. Durante as aulas de Ensino à Distância, a OC acompanhou e esteve sempre muito presente nas nossas aulas, sempre disposta a ajudar e a “picar-nos”, sem dúvida a docente mais importante nesta altura, pois não nos deixou desmotivar.

Relativamente ao papel do SV, é desempenhado como uma ponte entre o ISMAI e a EBSLM, onde cabe ao mesmo orientar os prazos de entrega de determinados deveres dos EE, como o portefólio digital, o PFIE, Projeto de Intervenção e a própria RPES.

A minha relação com o SV acabou por não se tornar tão próxima, na medida em que nunca tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, no entanto, com toda a distância provocada pela situação pandémica, o SV Bruno Oliveira, mostrou-se sempre disponível, marcando reuniões zoom. Para além disto, houve 2 momentos de aulas supervisionadas, aulas essas que foram gravadas de início ao fim e publicadas no portfolio digital, onde posteriormente foi marcada uma reunião em prol das mesmas, com o fim de reflexão e troca de opiniões.

A relação com o professor Bruno foi de crescente proximidade, uma vez que o meu núcleo da PES escolheu o tema do Projeto de Intervenção do professor, sendo que muitas das reuniões também foram destinadas a esse fim, onde recebemos uma grande ajuda do SV.

Posto isto, tanto a OC como o SV, foram essenciais nesta união entre o meu “eu” estudante e o “eu” EE/docente. Ao longo do ano letivo, ensinaram-me que devemos sempre procurar saber mais e rodearmo-nos de mais conhecimentos. A par disto, permitiram-me sempre não perder identidade, com liberdade essencial, para eu errar, tentar, acertar e, principalmente, aprender e progredir a cada dia e aula lecionada.

3.3.4. Caracterização do núcleo da PES

Para abordar as características no núcleo da PES, torna-se importante contextualizar do que se trata este núcleo e como foi formado. Para começar, torna-se essencial mencionar que o ISMAI estabelece protocolos com redes de escolas cooperantes, onde faz a seleção de um professor de EF com anos de carreira e disponível para orientar um grupo de EE (núcleo da PES), no decorrer de um ano letivo.

No que concerne ao núcleo da PES 2020/21 da EBSLM, este foi constituído por três EE, que como o provérbio diz “um, dois, três, a conta que Deus fez”, composto assim pela Ana Santos, pelo Tiago Alves¹ e por mim, Patrícia da Fonseca. Grupo este orientado pela Professora Elsa Cabo.

Segundo Queirós (2014), a PES pode ser entendida como terreno de construção da profissão. De acordo com a autora, é no contacto com os espaços reais que o EE conhece os contornos da profissão, acabando por se tornar e sentir, um membro dessa comunidade educativa. Assim, entende-se que o núcleo da PES, constituído pelos EEs, OC e SV, devem funcionar como comunidades práticas, levando os EE a gerar novo conhecimento e novas competências (Batista & Queirós, 2013).

O meu núcleo da PES, caracteriza-se como um grupo coeso, com ideologias muito idênticas e complementa-se com as diferenças de cada um. Sinto que ao longo de todo o ano letivo fomos crescendo juntos e aprendendo com os pontos fortes e com as fraquezas de cada um.

Assim que saíram as colocações das Escolas onde iríamos executar a PES, reconheci de imediato os nomes, pois já nos tínhamos cruzado em algumas UCs no ano transato. Para mim, passamos a ser uma equipa desde o primeiro momento em que li os nomes deles na tabela de colocações da EBSLM. A cumplicidade foi crescendo à medida que fomos partilhando histórias e troca de incentivos/conselhos.

A Ana Santos, conhecida por “Nokas” tem 25 anos, vive na trofa, praticou Dança Hip-Hop e Boxe e destaca-se por ser uma pessoa mais reservada, com uma postura mais rígida, mas com um coração do tamanho do mundo. Muito preocupada com o bem-estar do outro e revelou-se uma pessoa indispensável nos momentos de fraquezas e inseguranças, sempre com as palavras certas para animar. Por baixo daquele ar rígido, mostrou-me uma Ana amável e com boa disposição. Frequentou a Licenciatura em Educação Física e Desporto no ISMAI e encontrava-se com o foco essencialmente do desafio da PES.

O Tiago Alves tem 23 anos, vive em Viana do Castelo, é atleta de andebol há uns anos e o que mais o caracteriza é o sentido de humor, e a extrema descontração que aparenta em todos os momentos. Frequentou a Licenciatura em Educação Física e Desporto no ISMAI e conta com alguns anos como treinador da modalidade de andebol a escalões mais novos. Ao longo de todo o ano letivo, deslocava-se comigo até à escola e da escola até casa, onde a aproximação foi feita praticamente desde o início. Viagens onde trocávamos muitos pontos de vista e trocas de ideias de exercícios. O Tiago, mesmo com aquele lado de brincalhão, soube muitas vezes ser um bom ouvinte e conselheiro no que toca a todas as minhas inseguranças ou medos.

Segundo o autor Gomes (2015), um conjunto de pessoas que debatem e questionam em grupo assuntos de interesse comum através das suas interações sociais, onde exista cooperação e partilha de conhecimento, promove o desenvolvimento das suas aprendizagens, assim como das suas próprias práticas. Sendo por isso, a aprendizagem através da interação social pode servir como um meio ou mecanismos essenciais em contexto de formação prática, onde o EE possa desenvolver novos entendimentos sobre a sua profissão (Gomes, 2015).

O local onde nós trabalhávamos e partilhávamos o tempo de almoço na EBSLM, era essencialmente no pavilhão desportivo, onde se realizavam as aulas de EF. Lá dispúnhamos de uma sala de professores que apenas era frequentada pelos restantes docentes da disciplina de EF.

As principais características do núcleo da PES da EBSLM, foram sem dúvida a união, humildade, amizade, espírito de ajuda constante. Houve sempre preocupação mútua e o desejo de que cada um brilhasse. Um dos momentos onde senti mais essa cumplicidade e o verdadeiro trabalho de equipa, foi o momento da apresentação do seminário e PFIE, pois foi algo que trabalhamos em conjunto a 100% e sentimos que o dever tinha sido cumprido. Partilhamos o nervosismo inicial, o nervosismo durante e a alegria depois. Senti que estávamos ali para o mesmo e servimos como um suporte emocional mútuo.

O leque de experiências e a diferença de personalidades foi o que tornou este processo de PES mais completo e colorido. A humildade de receber críticas construtivas foi algo que foi constante e que permitiu grande parte do progresso de cada um. Foi isto que o meu núcleo da PES me proporcionou, uma coleção de sorrisos em dias que nem eu sabia que era possível.

4. Prática profissional: Plano da análise ao da intervenção

4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

4.1.1. Conceção de ensino

Pouco a pouco o ensino foi evoluindo e a importância que começou a ser dada ao mesmo também se foi alterando ao longo dos tempos. Uma das conquistas mais recentes foi aliar o ensino à educação, auxiliando a formação pessoal de cada estudante. É através das vivências do quotidiano que o ser humano cria e altera as suas concepções e personalidade. Por conseguinte e, dado que grande parte dos anos de um indivíduo é passado em contexto escolar, nomeadamente em idades que cruciais na construção da identidade, torna-se importante a consciencialização que o Ensino e a Educação, terão um papel fundamental no processo de construção do nosso “eu”.

Um dos deveres mais importantes da Educação é transladar cada vez mais saberes e saber-fazer que permitam a evolução dos alunos. Simultaneamente, compete-lhe encontrar referências que não permitam que as pessoas fiquem imergidas nos mares de informação, sejam estes sinais mais ou menos passageiros. Assim sendo, a educação deve promover a cartografia de um mundo difícil e a bússola que permite navegar através dele (Queirós, 2020).

Assim sendo, é expectável que os docentes e todos os elementos constituintes na Ação Educativa, tenham a consciência e se mantenham atualizados em relação às mudanças de padrões que vão surgindo nestes contextos. O Ensino foi, é e será sempre uma matéria que se encontra em constante mudança e alteração, através das diferenças entre gerações e mesmo problemáticas que vão surgindo.

O modo como se ensina a matéria aos alunos depende não só do conhecimento que o professor tem da disciplina, mas também das suas convicções e crenças de ensino e aprendizagem (Graça A., 1999).

Para mim, em concordância com o autor acima mencionado e enquanto EE, considero ter vivido um choque de realidade que me levou a realizar tomadas de consciência, uma vez que foi um ano letivo marcado por incertezas pela situação pandémica. Em prol disso, comprovei que o ensino necessita de uma contínua adaptação às circunstâncias e a importância de o encarar como uma missão notável, necessitando de uma dedicação extra na profissão. Ensinar é também educar. A atitude pedagógica tem como dever,

essencialmente, auxiliar cada aluno a ser quem de facto é, a descobrir o seu verdadeiro âmbito, a fortalecer o ser humano no seu íntegro (Queirós, 2020).

Como EE e tendo em conta a importância das minhas funções, recorria ao planeamento e à literatura na implementação dos modelos de ensino ou métodos que me poderiam auxiliar no comportamento e qualidade das minhas aulas. Através destas minhas iniciativas procurava sempre transmitir valores, fortalecer a autonomia, melhorar comportamentos desviantes, conquistar a confiança, estabelecer relação entre pares aliado à transmissão de conhecimento, sempre com a preocupação em manter a motivação dos meus alunos.

4.1.1.1. Modelos de Ensino

No decorrer do primeiro ano do MEEFEBS, foram-me apresentados diferentes modelos de ensino e os diferentes modos de aplicação e instrução dos mesmos. Para além disso, tivemos acesso a UCs onde pudemos pôr em prática alguns dos modelos que nos eram apresentados. Ao longo desse ano fomos colocados em cenários próximos ao de um docente, onde lecionamos determinadas modalidades aos restantes colegas de turma. Foi-nos também sorteado um determinado modelo a ser aplicado nessa modalidade que estaríamos a lecionar. Sem dúvidas um desafio, pois para além de termos de pesquisar e estudar o modelo a fundo, tínhamos de nos preparar para uma modalidade que, à partida, não se enquadrava na nossa zona de conforto.

Os modelos instrucionais definem-se como sugestões que colaboram na idealização e preparação das intenções educativas, da interação pedagógicas e da relação didática entre o Docente, o aluno e o conteúdo (Graça e Mesquita, 2006), em que o objetivo principal será sempre auxiliar na construção da aprendizagem e, conseqüentemente, na eficácia de execução por parte dos alunos.

“O processo de ensino/aprendizagem visa produzir alterações nos comportamentos dos alunos por meio do confronto ativo com as matérias de ensino, sob o efeito recíproco da atividade do professor e da atividade dos alunos”

Mosston, 1988

Ao longo do ano letivo fui procurando e pesquisando quais os modelos de ensino que poderiam ser mais eficazes no processo de ensino e aprendizagem. Facilmente

percebi que a escolha do modelo deverá ser pensada e articulada com base nas características e necessidades dos alunos. Desta forma torna-se importante conhecer bem a turma e detetar essas necessidades desde cedo. Cada turma tem características diferentes e os modelos devem ser adaptados com base nessas características, bem como a cada modalidade abordada.

Assim sendo, os modelos de ensino que elegi para me auxiliarem na lecionação foram o Modelo de Instrução Direta (MID), o Modelo de Aprendizagem Cooperativa (MAC), o Ensino a Pares e o Modelo de Educação Desportiva (MED), fundindo-os naquilo que considere essencial para atingir os objetivos propostos para a turma do 8ºA.

Quadro 1 – Modelos de Ensino e a sua aplicação prática

| Modelo de Ensino | Significado | Estratégias Pedagógicas | Estratégias aplicada na PES |
|-------------------------|---|---|---|
| MID | Abordagem orientada para as habilidades técnicas, estando as práticas de ensino entregues às linhas guia do Professor (Carnine et al., 2004). O Docente é quem orienta o procedimento e organização da aprendizagem onde, provê instruções e explicações detalhadas e redundantes, fornece feedbacks e correções especialmente nas fases iniciais da aprendizagem (Metzler, 2000). | -Instrução recorrendo a grupos pequenos; -Habilidades cuidadosamente ligadas, distribuídas, sequenciadas e instruídas deliberadamente em pequenas partes de conteúdo; (Carnine et al., 2004) | Este modelo foi aplicado na maioria das aulas, pois a estratégia de recorrer à instrução a grupos pequenos permitia uma maior concentração por parte dos alunos e a possibilidade de fazer ajustes dos exercícios à especificidade de cada aluno. Beneficiava de instruções e feedbacks mais detalhados e, conseqüentemente, eficácia na aprendizagem. |

| | | | |
|------------|---|--|--|
| MAC | <p>Todos os membros pretendem atingir o mesmo objetivo. O trabalho em equipa é essencial e a equipa só é bem-sucedida se todos os seus intervenientes colaborarem e se unirem para atingir esse fim. O modelo constitui-se através de seis pontos: constituição de grupos, interação constante dos grupos, interdependência entre os membros do grupo, encargo individual, desenvolvimento de habilidades sociais e o Professor funciona como um elo facilitador. Com o recurso a este modelo pretende-se, principalmente, desenvolver a afetividade e o esforço cognitivo, e, só depois, trabalhar aspetos psicomotores (Metzler, 2000).</p> | <p>- Equipas a desenvolver a mesma tarefa ou tarefas distintas mais relacionadas;</p> <p>- O Professor distribuiu critérios de desempenho que as equipas devem alcançar;</p> <p>- Equipas heterogéneas de 4 a 6 elementos;</p> <p>- O sucesso da equipa só se atinge caso todos os elementos estejam envolvidos e apresentem contributos para a aprendizagem de cada membro (Metzler, 2000).</p> | <p>Este modelo permitiu a realização de feedbacks mais pormenorizado e evitou os comportamentos desviantes.</p> <p>Permitiu desenvolver a sua capacidade de cooperação e entreaajuda, promovendo, em simultâneo, uma socialização que lhes permitiu conhecer os colegas e trabalhar em função do mesmo objetivo.</p> |
|------------|---|--|--|

| | | | |
|------------------------------|---|---|---|
| <p>Ensino a Pares</p> | <p>Este modelo pretende que o ensino aconteça através dos alunos, ou seja, os alunos agrupam-se e, em determinada atividade, devem desenvolver uma aprendizagem de igual para igual. Um aluno possui a responsabilidade de fornecer instruções importantes aos colegas, tal como se de um Professor se tratasse, e preserva o controlo sobre todos os elementos, excluindo as interações instrucionais que ocorrem durante e após, dado que devem observar e analisar os colegas (Metzler, 2000).</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Um aluno assume a função de “Observador” e ou outros como “Executantes”; - Rodar as funções regularmente; - O Professor tem o dever de auxiliar os alunos nas suas observações e correções (Metzler, 2000). | <p>Este modelo apresentou fortes sucessos. Os alunos, sentindo a responsabilidade, acabavam por encarar as tarefas com maior seriedade e empenho.</p> |
| | | | |

As características estruturais deste modelo perseguem a ideia de contextualização desportiva. No sentido de garantir a autenticidade das experiências desportivas, Siedentop, (1994) integrou seis características do desporto no MED: a época desportiva, a filiação, a competição formal, o registo estatístico, a festividade e os eventos culminantes.

MED

Este modelo comporta a inclusão de três eixos, o da competência desportiva, o da literacia desportiva e o do entusiasmo pelo desporto, sendo o propósito formar a pessoa desportivamente competente, onde valoriza as tradições e os rituais associados ao desporto e que distingue a boa e a má prática desportiva.

Este modelo permitiu a união da turma, bem como a perceção por parte dos alunos, que os resultados dependiam do trabalho e do empenho de cada um.

-Os alunos assumem vários papéis (chefe de equipa; treinador; árbitro)

4.1.2. Planeamento

No início do ano letivo, um docente atravessa um processo essencial de análise de documentos curriculares que os auxiliam nas tomadas de decisão em relação à organização e ao planeamento do ano letivo.

O planeamento faz parte da organização do processo de ensino e aprendizagem, pois é um recurso utilizado pelo professor como auxílio na preparação e condução desse processo educativo. Deste modo, o planeamento serve de apoio e tem como função orientar o professor ao longo da sua prática pedagógica (Bento, 2003).

O ponto de partida para a construção do planeamento, passou por munir os documentos que me pareciam importantes para este processo, sendo eles, o Programa Nacional de Educação Física (PNEEF), a Composição Curricular de Aprendizagens Essenciais, o Calendário Escolar e o documento relativo à Uniformização de Critérios de Atuação e Normas de Contingência.

Consultar estes documentos foi essencial para me enquadrar no processo da PES, pois funcionaram como orientadores dos objetivos e como suporte à minha capacidade de adaptação à realidade.

O planeamento define-se como o globo de deliberação na qual o Docente estabelece previamente quais os resultados que pretende atingir no Ensino e para o que é que deve despende tempo e forças (Bento, 2003).

Uma vez que, o planeamento se divide em quatro etapas, sendo essas a caracterização, os objetivos, a estratégia e a avaliação, após reunir todos os documentos que considere essenciais, comecei então por elaborar Documentos Tipo (Folha Tipo, Ficha de Caracterização do Aluno, Ficha de Observação de Aula, Grelha de Vickers, Grelha de Assiduidade, Modelo de Plano de Aula e Folha de Registo de Sumários). A elaboração destes documentos permitiu-me, essencialmente, estar preparada para o arranque das aulas presenciais.

O processo de planeamento em EF ocorre a vários níveis, referindo-me ao plano anual, ao plano de período, ao plano das UD e ao plano de aula.

O plano anual consiste na análise das modalidades, estruturação de objetivos e conteúdos programáticos, distribuição das unidades de ensino pelos períodos do ano escolar, atividades fora do contexto de aula (corta-mato, torneios interturmas, visitas de estudo, etc.), inventário dos recursos necessários e definição geral dos momentos e modalidades de avaliação (Quina, 2009).

No plano anual, não é possível prever o rigor do desenrolar de todos os períodos, principalmente pela situação pandémica, deste modo torna-se importante a sua atualização e o reajuste sempre que necessário.

O planeamento anual foi construído pela EBSLM e distribuído pelos EE e restantes docentes de EF no início do ano letivo. Este documento continha a composição curricular com as respetivas aprendizagens essenciais, isto é, estão presentes as áreas (Área das atividades físicas, Área da aptidão física e Área dos conhecimentos), as respetivas modalidades/matérias (matéria principal/ complementar) com os respetivos níveis (nível introdução/ elementar) para cada ano. (consultar ANEXO 1). Terminada a análise deste documento, tudo ficou muito mais simples no que diz respeito ao definir quais os objetivos que eu pretendia atingir com as turmas pelas quais ficaria responsável.

Quanto à realização dos planos de aula (PA), (consultar ANEXO 2), ao longo de todo o ano letivo vieram condensar todo o planeamento anual elaborado anteriormente. Deste modo, e de acordo com o solicitado pela OC, todas as aulas fazia-me acompanhar do PA, para orientação e para a discussão após cada aula sobre o mesmo. O PA, e a sua estrutura, foram importantes para absorver o que tinha planeado, de modo que durante a aula soubesse rapidamente a tarefa/exercício que viria a seguir. Ao longo da PES, fui percebendo que o guião que eu delineava antecedente à aula, sofria alterações no decorrer da mesma, devido a todas as imprevisibilidades e constrangimentos que a turma ia apresentando, cujo fator me tenha tornado uma pessoa mais desenvolta, acabando por perceber que um planeamento se define apenas como um planeamento prévio, com significado bastante útil, mas sujeito a alterações.

Tal como afirma Quina (2009) é apropriado estar sempre atento aos diferentes tipos de participação dos alunos a fim de se poderem prever e controlar melhor os comportamentos indesejados. Devemos ter sempre preparada uma resposta adequada, mostrando uma capacidade de improviso capaz de reorganizar toda a planificação. Segundo Hashweh (2005) o professor deve ter uma boa bagagem de conhecimentos didáticos e uma grande variedade de conhecimentos pedagógicos adquiridos através da prática do ensino, para poder assim adaptar-se às mais variadas situações que possam surgir.

4.1.3. Realização

4.1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica

É na realização do processo de ensino que o professor tem uma intervenção prática, isto é, onde o professor passa da teoria a um plano mais prático. É nesta fase que existe a interação do professor com o aluno, onde o professor deve ter em consideração um conjunto de procedimentos de intervenção pedagógica.

Siedentop (1998) refere que a intervenção pedagógica está dividida em quatro dimensões, sendo essas a instrução, a gestão, a disciplina e o clima de aula e, afirma ainda que todas elas se encontram sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer momento de ensino. A eficácia dos procedimentos depende da capacidade de adequação do professor de acordo com as situações no contexto escolar, tendo sempre presente as características de cada aluno, conteúdos de aprendizagem, material de ensino, e espaço, de modo a minimizar os tempos de aula parados, isto é, a haver o melhor aproveitamento possível de aula, onde entre na equação o tempo de empenhamento motor e aquisição de conhecimentos.

Durante as aulas, fui-me tornando capaz de realizar as adaptações necessárias ao planeamento prévio, indo de encontro ao objetivo que pretendia atingir naquela aula. Em todos os momentos de aula e em prol da imprevisibilidade constante da minha turma, tive de trabalhar a minha capacidade de improviso e de resposta rápida às circunstâncias que, nem sempre se revelou tarefa fácil. Rapidamente percebi a importância de ter um plano B em mente e ao realizar o planeamento de cada aula já perspectivava os possíveis constrangimentos que poderia ter naquela aula, o que me ajudava a dar uma resposta mais rápida caso houvesse tal constrangimento.

A par disto e com a ajuda de todos os intervenientes no meu núcleo de estágio, tornei-me um EE bastante reflexivo após cada ação, característica importante no decorrer deste trajeto. Tal como Oliveira e Serrazina (2002) defendem, uma prática reflexiva confere e proporciona aos professores oportunidades para o seu desenvolvimento.

No que concerne à instrução, pretende-se que esta prepare os alunos para as tarefas simples ou de grande complexidade.

Valente (2011) constata que o processo de comunicação verbal permite transmitir o objetivo e a forma de concretização das tarefas pretendidas, determinante para o êxito das mesmas. Refere ainda que é uma peça fundamental para o processo de ensino aprendizagem dos alunos nas aulas. Posto isto, torna-se essencial ser um bom

comunicador para que se seja bem-sucedido na profissão docente (Rosado & Mesquita, 2011).

A Instrução foi a dimensão de intervenção pedagógica que, possivelmente me senti mais à vontade desde o início da PES, uma vez que uma das minhas grandes capacidades sempre foi a comunicação com o outro, pela minha característica extrovertida e comunicativa. Para além disto, paralelamente à PES, já desenvolvia a atividade de professora de natação, onde me permitiu complementar esta capacidade. O início de cada aula destinava-se à transmissão de informação aos alunos acerca dos objetivos de cada aula. Em prol das características da turma do 8º ano, foi o momento da aula que considerei mais vantajoso para a transmissão desses conhecimentos, pois ainda se encontravam sentados e focados no que lhes estava a transmitir. No decorrer da aula e ao longo da execução dos exercícios propostos, eram definidos momentos de instrução, onde recorria a algumas rotinas como: sentar sempre que eu necessitava de realizar uma instrução mais demorada, projetar a voz e fazer algumas alterações no ritmo e pausar a instrução sempre que os alunos falavam por cima da minha voz.

A par da comunicação verbal, considero a demonstração e o feedback duas das mais importantes formas de comunicação com os alunos, tal como Rosado e Mesquita (2011) afirmam, após a realização de uma tarefa motora por parte de um aluno, para que o seu desempenho seja melhorado, devem ser fornecidos um conjunto de informações acerca da forma como realizou a ação, ou seja, receber feedbacks perante a tarefa que executou.

Relativamente à dimensão gestão, a EBSLM possui uma estrutura organizada no que diz respeito ao funcionamento da disciplina de EF. No início do ano letivo foi distribuído um mapa de ocupação de espaço pelos EE (consultar ANEXO 3), onde dispunha das respetivas aulas de EF e horário. Através deste mapa, tínhamos a perceção de quantas aulas iriam estar a decorrer similar o tempo da nossa aula, bem como qual o professor que a estaria a lecionar. Neste sentido, beneficiamos dos restantes docentes de EF, pois em conversa antes da aula, combinávamos onde cada um daria a aula e, muitas vezes, o docente mais antigo, fornecia-nos as instalações e adaptava-se em conformidade das necessidades dos EE.

A gestão das minhas aulas de EF foram baseadas no que tinha sido anteriormente planeado, isto é, nas aulas de 100min, apenas 80min eram despendidos como tempo útil de aula, uma vez que os 20min finais eram destinados à saída dos alunos e ao intervalo

entre a aula de EF e a aula seguinte. Este horário foi predefinido em conformidade com as medidas de contingência, de maneira a evitar a colisão de turmas nos intervalos e trocas de sala de aulas. Os 15min de aula iniciais, destinavam-se, então, ao registo de presenças, à instrução dos objetivos da aula e ao aquecimento dinâmico para predispor o corpo à prática da atividade física. Por norma, os 50 min eram repartidos em dois, 25min para um exercício e 25min para outro exercício, com as respetivas variantes que iam sendo introduzidas. Para a parte final da aula, utilizava 5 min de tempo para uma breve reflexão com os alunos sobre a aula ou sobre possíveis assuntos que pretendia dialogar com os mesmos. Esta foi a maneira que achei mais prática de organizar as minhas aulas, primeiro, porque desta forma evitava momentos parados durante a aula, acabando por manter a turma sempre ocupada nas tarefas e, conseqüentemente, afastar os momentos em que poderiam ter comportamentos desviantes.

Segundo Sampaio (2001) o professor deve antecipar as situações, através de um conjunto de técnicas pedagógicas que lhe permitam ocupar os alunos, pois tê-los ativos evita também que desencadeiem comportamentos de indisciplina. Já para Siedentop (1991), o autor considera que os problemas de indisciplina podem ser ultrapassados a partir de uma boa gestão e organização da aula, dois fatores bastante importantes para a criação de um clima positivo e de disciplina.

Relativamente às restantes dimensões de intervenção pedagógica, disciplina e clima de aula, considero que estas duas devem atuar sempre em consonância e, devem ser medidas ao longo de toda a aula. O professor deve estar atento aos sinais dos alunos e atuar com base nos mesmos.

Neste sentido, os modelos de ensino foram os que mais me auxiliaram, na medida em que ainda me focava demasiado nas tarefas da aula. Como foi um ano de bastantes descobertas em todos os campos da minha vida, profissionalmente senti-me um pouco perdida quando tinha de aplicar disciplina mais rigorosa sem perder o clima de aula leve, que considerava importante para a aprendizagem.

A par dos modelos de ensino, o Projeto de Intervenção (PI) que foi aplicado ao longo do ano, baseava-se: *“A Construção da Relação Pedagógica entre Estudantes Estagiários e alunos na disciplina de Educação Física”*. A aplicação deste projeto teve em vista compreender o papel assumido por mim, enquanto EE, no decorrer da prática da PES, em consonância com as estratégias de ensino adotadas e ainda averiguar a forma como a mesma desenvolve e mantém a relação pedagógica com os alunos. Isto permitiu

que essencialmente as tomadas de consciência em relação ao meu papel e a alguns erros que fui cometendo na relação com os meus alunos.

A principal tomada de consciência foi que, enquanto professora utilizava muito a relação de afeto, que considero importante para qualquer tipo de relação, porém, o excesso desta complementada à falta de autoridade, originou a criação de uma relação pedagógica desajustada, que não vai ao encontro daquela que eu pretendia desenvolver com os mesmos. Considero que fui demasiado amiga de uma turma que necessitava que a professora adotasse uma posição de maior autoridade, com o intuito de moldar os seus comportamentos dentro da aula.

Ao longo da PES, considero que tenha conseguido uma base de confiança com os meus alunos, grande parte procurava-me para se aconselhar e desabafar sobre assuntos pessoais, ou seja, posso afirmar que ganhei facilmente cumplicidade com a turma e um ambiente pedagógico favorável, no entanto, caso tivesse aplicado mais modelos de ensino e imposto mais regras e que as mesmas fossem consistentes, teria evitado grande parte das dificuldades que senti inicialmente.

Para terminar, a criação de um bom clima e disciplina depende muito do discurso do professor, enquanto meio de comunicação, enriquecido com a diversidade da utilização de diversas “linguagens”: o olhar, a postura corporal, os gestos, a entoação, o ritmo da fala, etc. (Pombo, 1999).

4.1.4. Avaliação

Segundo Natriello (1987), as funções da avaliação são: a certificação (garante que o aluno atingiu um determinado nível), a seleção (assegura a identificação dos alunos para a entrada, o prosseguimento de estudos ou a vida ativa), a orientação (trata-se de comunicar aos alunos avaliados os resultados da avaliação, permitindo aos avaliadores fazer diagnósticos ou planificações posteriores). Contudo a principal função da avaliação é contribuir para o sucesso do processo educativo e verificar em que medida é que isso foi conseguido, com o grande objetivo de aperfeiçoar a atividade educativa, regulando e orientando o processo de ensino aprendizagem (Ribeiro, 1991).

Num ano como este que é a PES, avaliar passou a ser uma das funções essenciais do EE a desempenhar para, deste modo, executar todas as funções enquanto docente e responsável pelas suas turmas.

Numa opinião pessoal, o momento de avaliação não foi um momento de dificuldade para mim, pois sempre foi um momento que exercício enquanto professora de natação. No entanto, sempre tive bastante presente a responsabilidade que esta acarretava, na medida em que teria de ser o mais justa possível em todos os momentos.

Segundo Quina (2009) o processo de avaliação deve ter como princípio as seguintes questões: Avaliar, para quê? Avaliar com base em que critérios ou referências? Avaliar com base em que princípios? Que provas e instrumentos de avaliação utilizar? A que modalidades de avaliação recorrer? Em particular, foram utilizadas três modalidades de avaliação ao longo da minha PES: a avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

De modo a iniciar o caminho da avaliação da melhor forma, considerei importante aplicar uma Avaliação Diagnóstica em cada modalidade. Desta forma, procurava ter um ponto de partida do que deveria trabalhar com a turma e detetar as principais dificuldades de cada aluno. Neste sentido, e segundo Gonçalves et al. (2010), a avaliação diagnóstica tem como principal objetivo “recolher informação para estabelecer prioridades em ajustar a atividade dos alunos ao sentido do seu desenvolvimento”.

Através do recurso a estas abordagens simples e de curta duração, pude aferir aspetos essenciais que me levaram a uma melhor elaboração de todas as estratégias que desenvolvi ao longo dos Módulos. Por essa razão, a Avaliação Diagnóstica representa, para mim, algo imprescindível na função do Professor, por mais simples e curta que possa ser, representa um momento muito útil para a antecipação e planeamento de conteúdos.

Em relação à Avaliação Formativa, corresponde àquela que passa pela observação e recolha sistemática e informal de informações relativas às capacidades do aluno. Foi através desta que consegui manter noção da evolução na aprendizagem dos alunos. De facto, a avaliação formativa vinha auxiliar e complementar no momento de avaliação sumativa. Como defende Schön (1997), foram realizadas reflexões diárias, escritas e orais o decorrer de cada aula, que reverteu para uma avaliação contínua. Nestas reflexões tive em consideração a aprendizagem e comportamento dos alunos, as dimensões de intervenção pedagógica, assim como, a minha própria atuação.

Quando à avaliação sumativa, esta acontece a cada término de UD, assim sendo, a última aula de cada modalidade estava destinada ao momento de avaliação mais formal, onde incutia nos alunos alguma responsabilidade e seriedade na execução. Este momento que, para muitos, pode ser considerado de elevada tensão, no caso da turma no 8ºA, era uma aula em que os alunos se mantinham bastante focados e esforçados e, permitia-me resumir o progresso do aluno ao longo da UD.

Para cada uma das avaliações, cada EE tinha a total liberdade na elaboração de cada grelha de avaliação dos alunos, de acordo com o que cada um pretendia avaliar, no entanto era sempre alvo de discussão e troca de ideias entre todo o núcleo da PES.

No decorrer do ensino à distância e, tendo em consideração que os níveis de comportamento pesavam mais do que no ensino presencial, recorri a uma tabela de avaliação de comportamento (cumprimento de regras), assiduidade e pontualidade, que apresentava aos alunos todas as aulas, de modo a terem noção de que as notas eram fundamentadas.

Este processo permitiu-me aprimorar as minhas capacidades de observação e a tornar-me cada vez mais confiante nas minhas elações e decisões.

5. Participação na escola e Relação com a comunidade

5.1. Atividades realizadas

Como já referido anteriormente, o ato de “educar” engloba, na minha perspectiva, muitas mais dimensões do que a de transmissão de conhecimentos aos alunos, ou seja, em todo os contextos escolares, mesmo os que não estão inerentes à “sala de aula”. Por essa razão, torna-se importante a relação entre todos os intervenientes deste processo de ensino e aprendizagem.

Sempre que idealizei o processo da PES, sonhava ter a oportunidade de dinamizar e pôr em prática a minha veia criativa, de forma a proporcionar o máximo de atividades e momentos de partilha aos alunos. O que mais me preenche enquanto ser humano é, sem dúvidas, o coletar de momentos de partilha, pois considero que nos ficam na memória e se mantêm eternos.

Em todos os contextos profissionais e ainda enquanto aluna em que já estive presente, fui sempre uma peça importante no que toca a festejos de marcos importantes, como festas de Natal, Carnaval, Halloween e até teatros.

Por todas estas razões, as minhas expectativas iniciais eram enormes neste sentido, pretendia envolver-me em todas as atividades que se desenvolvessem na EBSLM. No entanto, este ano letivo foi marcado pela incerteza devido ao Covid-19, o que impossibilitou pôr em prática a maior parte das ideias pré-concebidas.

No entanto, algumas das atividades realizadas pelo meu núcleo de estágio, foram a comemoração do Dia Europeu do Desporto Escolar, a realização de um Seminário, a criação de uma conta de Instagram do Desporto Escolar da modalidade de basquetebol e ainda, a conceção de uma proposta de Evento Anual.

Relativamente à comemoração do Dia Europeu do Desporto Escolar, foi concebida uma coreografia por parte dos EE e propusemos aos restantes docentes de EF, uma aula destinada à aprendizagem dessa coreografia. Foi selecionada uma música que todos os alunos reconhecessem, com alguns passos também conhecidos pela maioria, através da rede social “TIKTOK”, onde foram introduzidos mais passos de dança e criada uma coreografia final. Uma aula diferente proporcionada aos alunos, com a interação dos restantes docentes.

O Seminário (consultar ANEXO 4), foi uma iniciativa toma pelos EE de forma a partilhar o modo de aplicação do modelo de ensino (MED), aos restantes professores de EF. Visto que, no nosso entender, foi um modelo com mais adesão por parte dos alunos e que consideramos ser dos mais completos, tomamos a liberdade de criar uma apresentação e de revelar alguns dos resultados obtidos, bem como o feedback de alguns alunos com a execução de tal modelo de ensino.

Quanto à criação da conta de Instagram do Desporto Escolar da modalidade de basquetebol, teve como fim a divulgação dos treinos, de eventuais cartazes (consultar ANEXO 5), de modo a aproximar e interagir com a maior parte de alunos, nesta época que nos afastava cada vez mais, devido à situação pandémica. Esta iniciativa, ainda que não houvesse grandes esperanças de resultados, revelou-se uma enorme surpresa, pois começamos a ter uma grande aproximação por parte dos nossos atletas e, ainda com o aparecimento de várias turmas e alunos aos nossos treinos.

Relativamente à proposta de Evento Anual, este evento estava destinado a realizar-se no dia do agrupamento, onde costuma ser realizado uma série de atividade de receção aos alunos do 4º ano, de modo a conhecerem a EBSLM. Neste sentido, a nossa ideia baseava-se na construção de atividades alusivas ao Desporto e a outras temáticas (como saúde e bem-estar). O final do dia, seria executado no campo exterior, a sigla do agrupamento em escala humana e capturada por um *drone*. O evento em questão foi enviado, mas infelizmente, não aprovado, uma vez que esse dia não foi comemorado.

5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

Sem dúvidas que o este processo da PES veio confirmar todas as minhas preconcepções que eu tinha em relação ao processo de aprendizagem e ao papel de um professor. Ser professor é muito mais para além da atividade de lecionar, é uma profissão que permite, muitas vezes, a transmissão de amor.

De forma geral, considero ter escolhido esta profissão por me permitir ser genuína e ter um local de trabalho onde pudesse espalhar e receber amor.

Ao longo da PES, procurei estar presente em todos os assuntos relativos às minhas turmas, mantendo um contacto semanalmente com a diretora de turma das mesmas. Deste modo mantinha-me a par de todos os momentos importantes dos meus alunos, as tristezas e as alegrias.

Sabendo das especificidades das turmas que eu lecionei, procurei sempre transmitir valores como entajuda, demonstrações de afeto e partilha de momentos. Desta forma, considero ter criado uma boa relação com os meus alunos e contribuído para uma união entre eles, que anteriormente não existira. Na importância de falar sobre os nossos sentimentos e estabelecer os nossos próprios limites.

Todas estas experiências expressam-se através de emoções pessoais que tal como refere Magalhães (2007), têm como função a preparação para a ação, ou seja, as emoções servem de catalisador entre o meio onde estamos inseridos e o nosso paradigma. Desenvolvem ainda a nossa identidade, tendo em conta certas experiências emocionais, que vai originar uma aprendizagem emocional, fundamental para lidar com situações futuras.

5.3. Socialização profissional e institucional

Desde muito cedo me senti uma privilegiada por estar bastante integrada na EBSLM, em particular com o OC e os restantes professores de EF. Foram sempre os impulsionadores para me sentir à vontade, sempre preocupados em ajudar naquilo que eu precisasse.

A boa relação e a boa disposição era constante na comunidade escolar do Levante da Maia, desde os docentes, até aos funcionários da escola. Por cada corredor que passasse, era motivo de um sorriso ou troca de piadas. Essa aproximação permitiu conhecer cada vez mais a história da escola, através dos funcionários mais antigos. Foram partilhadas memórias passadas naquele ambiente escolar e permitiu-se sentir que fiz parte daquela história, sem a ter vivenciado.

A construção do conhecimento humano e desenvolvimento pessoal deve-se assim às interações sociais dos indivíduos, através de relações de partilha e produção cultural em que a atividade comunicativa entre o ser humano desempenha um papel primordial (Gomes, 2015).

Com os restantes professores da escola, o contacto era essencialmente por troca de chamadas telefónicas, emails e reuniões via online. Mas mesmo com essa distância existente por motivos de forças maiores, esses meios de contacto eram sempre de entreatajuda e de boa disposição. Durante as reuniões eram partilhadas histórias inerentes aos alunos e à turma e eram sempre motivos de gargalhada.

Para mim, enquanto EE e, por ser uma pessoa que valoriza a socialização acima de tudo, todas as interações possíveis durante o processo da PES, foram importantes para a construção do meu papel enquanto futura professora.

5.4. A componente ético-profissional

Antes de mais, torna-se importante referir os conceitos nomeadamente sobre ética, sendo esse, segundo Caetano e Silva (2009), um conjunto de princípios e valores que de certa forma vão orientando a ação do professor e o estabelecimento de regras para o bem, nomeadamente o bem do aluno. Valores como o respeito, a solidariedade, a liberdade, a autonomia, a justiça, a imparcialidade, a igualdade, a honestidade, a verdade, a responsabilidade, a dignidade humana, o rigor e a competência, são princípios e valores, que devem ser considerados durante a atividade docente, em particular na relação com os alunos, na organização curricular, na atuação do professor dentro e fora da escola, em relação a colegas e outros professores, ao sistema educativo, à sua profissão, família e à comunidade.

A figura de um professor não pode resumir-se exclusivamente à transmissão de conteúdos. Aliado aos alunos, deve ser visto como um modelo a seguir, para que desta forma haja uma aquisição de hábitos e reprodução de comportamentos sociais aceites, que se revelam importantíssimos na formação de carácter.

Ao longo das aulas, procurava transmitir ou corrigir alguns comportamentos sociais que iam tendo do decorrer das aulas. O lema mais importante que despertei nos alunos, foi “Respeitar para ser respeitado” e procurar que os alunos se colocassem no lugar do outro.

O processo da PES, foi igualmente importante para melhorar o meu sentido de responsabilidade e realizar as tomadas de consciência para poder melhorar algumas das minhas fragilidades. Considero, hoje, que me conheço melhor e tenho consciência onde terei de trabalhar para me tornar uma profissional de excelência Fazer com que os outros vejam e reconheçam o meu esforço. Sem dúvida que a PES teve um grande impacto na minha identidade profissional e na minha aprendizagem quer como EE e ser humano.

6. Desenvolvimento profissional

6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

A falta de prática pedagógica na formação inicial do professor, provoca muitas dificuldades no estudante, principalmente no que diz respeito à necessidade de entrelaçamento de saberes científicos com saberes pedagógicos e práticos (Krug, 2001). A estas dificuldades no exercício da docência dá-se o nome de “choque com a realidade” (Vennman, 1984).

Como era expectável, foram sentidas algumas dificuldades ao longo do ano letivo, que em conjunto com os meus colegas EEs, fomos debatendo sobre eles e encontrando soluções.

Sem dúvida que mudar a perspetiva em relação às dificuldades foi crucial, parei de considerar as dificuldades como um inimigo, mas sim a apreciá-las e a aproveitá-las como construção de conhecimento.

Uma das dificuldades sentidas ao longo do ano foi na abordagem de determinadas UD, com as quais nunca tinha entrado em contacto na minha formação. Sem dúvida que houve uma necessidade sentida de formação contínua ao longo de todo o processo. Os métodos que utilizei ao longo da PES, foi, através do estudo autónimo e experimentação. A aposta foi feita essencialmente nas UD que evidenciava mais dificuldade a lecionar.

De modo a concluir, as tarefas de acompanhamento de cargos, como o de diretora de turma, foram fulcrais para o enriquecimento curricular, bem como a participação em reuniões escolares, pois tornaram a minha passagem pelo contexto escolar ainda mais real.

7. Ensino à distância

Desde o início da PES que se perspectivava a possibilidade de passagem do ensino presencial para o ensino à distância, tal como foi vivenciado no ano letivo anterior.

Fomos, desde cedo, preparados para a eventualidade deste acontecimento e, no 2º Período, demos início ao ensino à distância, através da plataforma zoom.

Antes do arranque do ensino à distância, foram marcadas algumas reuniões de conselho disciplinar, onde foram discutidas as várias formas e feitios que podíamos atuar ao longo das aulas, uma das temáticas que foram alvo de preocupação foram a avaliação dos alunos, que em debate chegamos a conclusões de que iram pesar o comportamento e os e a área dos conhecimentos.

Para além disso, anteriormente já tinha criado uma forma de comunicar mais facilmente com os meus alunos fora da “sala de aula”, com a criação de uma *classroom*, onde ia partilhando alguns conteúdos sobre as modalidades lecionadas. Com o avançar do ensino à distância, optei por continuar a interagir por lá, pedindo músicas para a criação de álbuns de músicas a serem utilizados ao longo das aulas.

Lá foram partilhados também alguns resultados dos desafios que ia propondo ao longo das aulas práticas, como forma de registar a evolução dos alunos, promovendo alguma motivação, que naquele momento poderiam ser difíceis.

Considero ter conseguido manter uma aproximação por parte dos alunos, mesmo dado à conjuntura de distância a que estávamos todos sujeitos. Procurava muitas vezes ficar a sós com alguns alunos no final da aula, para que este pudesse desabafar e procurar a minha ajuda.

Sem dúvidas que o processo de Ensino à distância foi bastante enriquecedor, permitiu a pesquisa de novos exercícios e pôr-nos à prova. Pensar em alternativas, que noutra contexto não precisaria de pensar. Provou-me que quando o esforço e a dedicação é depositado no que faço, que o retorno é mais saboroso.

8. Reflexões finais

O RPES elaborado representa nada mais, nada menos, do que o caminho percorrido ao longo deste ano letivo, que vai de encontro à finalização da etapa mais importante da minha aprendizagem. Durante este percurso foram superados desafios que jamais pensei que fosse capaz de os superar, obstáculos que possibilitaram uma transformação não só a nível profissional como pessoal.

Como tudo na vida, nada é constante, e tanto a nível pessoal como a nível profissional a vida vai-nos proporcionando momentos de aprendizagem. Dentro e fora da sala de aula, temos de saber distinguir os a vida pessoal da vida profissional e foi algo que eu tive de saber separar ao longo deste ano letivo.

Chegando agora ao fim do meu percurso académico revejo-me com um sentimento de satisfação, felicidade e orgulho, mas principalmente de dever cumprido, por conseguir finalmente alcançar os meus objetivos.

Este não foi um ano fácil, repleto de emoções fortes, onde foram imensas as situações vividas que me levaram ao extremo e me fizeram chorar, ao ponto de querer desistir e desacreditar que era capaz, no entanto, foram essas e outras situações que me fizeram crescer e amadurecer.

Com a ajuda do meu núcleo da PES, fui me erguendo e procurando inspiração para continuar este processo tao enriquecedor. Hoje, olhando de uma forma panorâmica para todo o ano letivo, levo-o guardado do meu coração, junto de toda a aprendizagem que me foi proporcionado. Sinto que cresci e ajudei a crescer.

A PES permitiu-me passar a teoria à prática, aprender e ensinar, criar vínculos que jamais serão rompidos. Hoje acabo este processo de coração cheio, sem dúvida uma Patrícia muito mais completa em todos os campos da vida.

Em formato de conclusão, refiro que as turmas com as quais usufruí trabalhar ao longo deste ano letivo, foram a minha principal fonte de satisfação e de dever cumprido. Quer pelos resultados conseguidos na aprendizagem, pelo facto de ter sentido que eram realmente meus alunos, pela relação pessoal estabelecida, tudo foi bastante positivo. Termino referindo que este ano foi a base para a aquisição da maior parte das competências necessárias para motivar os jovens adolescentes a optarem por estilos de vida mais ativos e saudáveis, ensinando-lhes os principais conteúdos de todas as matérias e, essencialmente, a tornarem-se pessoas mais fortes e valorizadas na sociedade.

9. Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A., Graça, A., & Januário, C. (2005). *A Supervisão pedagógica em educação física: A perspectiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Barros, I. (2011). *Contributo para a compreensão do processo de (re)construção da identidade profissional no contexto da formação inicial: estudo em estudantes estagiários de Educação Física*. Porto: Universidade do Porto.
- Batista, P., Queirós, P., & Gomes, P. (2019). *Aprender a ser professor em contexto de estágio: um estudo com recurso a timelines em entrevistas de natureza biográfica*.
- Batista, P., & Queirós, P. (2013). *O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional*. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 31-52). Porto: Editora FADEUP.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livro Horizonte.
- Queirós, P. (2014). *Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional*. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (pp. 67-83): Porto: FADEUP.
- Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em educação física*.
- Ribeiro, L. (1991). *Avaliação da Aprendizagem* (3a ed.). Porto: Texto Editora.
- Gomes, R. E. C. (2015). *Formação de Treinadores no Contexto Acadêmico: Aprendizagem em comunidade de prática no decurso do estágio*. Dissertação de Mestrado, 153.

- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). Avaliação um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Maia: Edições ISMAI - Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.
- Graça, A. (1999). Conhecimento do Professor de Educação Física . Contextos da Pedagogia do Desporto - Perspetivas e Problemáticas (pp. 204-206). Lisboa: Livros Horizonte.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2006). Ensino do Desporto. In G. Tani, J. O. Bento & R. D. d. S. Petersen (Eds), Pedagogia do desporto (pp. 207-2018). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Hashweh, M.Z. (2005). Teacher pedagogical constructions: A reconfiguration of pedagogical content knowledge. *Teaching and Teacher Education*, (11), 189-206
- Krug, H. (2001). Formação de Professores Reflexivos: ensaios e experiências. Santa Maria: O Autor.
- Magalhães, A. (2007). A Psicologia das emoções: O Fascínio do Rosto Humano. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Mesquita-Pires, C. (2007). Educador de Infância Teorias e Práticas. Maia: Profedições.
- Mosston, M. (1988). *La Enseñanza de la Educacion Fisica*, Editorial Paidós, Barcelona
- Natriello, G. (1987). The Impact of Evaluation Processes on Students. *Educational Psychologist*, 155 - 175.
- Neves, I. (2007). A formação prática e supervisão da formação. *Saber (e) Educar*, 12, 79-96.

- Oliveira - Formosinho, J. (2002). Em direção a um modelo ecológico de supervisão de professores. Uma investigação na formação de educadores de infância. Em J. (. Oliveira - Formosinho, A Supervisão na Formação de Professores I. Da sala à escola (pp. 94 - 120). Porto: Porto Editora.
- Pimenta, S. (2001). O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática? (4a ed.). São Paulo: Cortez.
- Pombo, O. (1999) Universidade: Regresso ao futuro de uma ideia. Ideia de Universidade. Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa;
- Queirós, P. (2020). Profissionalidade Pedagógica. Retrieved from https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/78275/mod_resource/content/1/Teo%20_Profi_2_out_19_20.pdf.
- Rodrigues, J., Ferreira, Vítor. (1998). Valores e Expectativas dos Professores-Estagiários. Revista Millenium.
- Rosado, A. &. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. Em A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), Pedagogia do Desporto (pp. 69 - 130). Lisboa: FMH Edições.
- Sampaio, D. (2001). Prevenção da indisciplina na escola: o papel da mudança na sala de aula. Lisboa: Cadernos de Criatividade/AEDC.
- Simões, M. A. (2008). Início da carreira docente: Desafios e dificuldades. Lisboa: M. Simões. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Aberta.
- Schön, D. A. (1997). Formar professores como profissionais reflexivos. Em A. N. (Org.), Os professores e a sua Formação (pp. 77 - 91). Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Siedentop, D. (1991). Developing teaching skills in physical education (3o ed) Mountain View, CA: Mayfield

Siedentop, D. (1998). Aprender a enseñar la educacion fisica. Barcelona: INDE.

Valente, A. C. (2011). Relatório Final de Estágio. Coimbra, Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Vennman, S. (1984). Perceived Problems of Beginning Teachers, Review of Educational Reserarch of Catholic University of Nijmegen.

Anexos

ANEXO 1 – Planificação Anual EBSLM (composição curricular)

| EBS DO LEVANTE DA MAIA | | EDUCAÇÃO FÍSICA - COMPOSIÇÃO CURRICULAR (APRENDIZAGENS ESSENCIAIS) | | | | ANO LETIVO 2020 2021 | | | |
|---|-----------------------------------|--|--------------|---|--------|------------------------|--------|-----|-----|
| ÁREAS | | MATÉRIAS | | 7º ANO | 8º ANO | 9º ANO | TEMPOS | | |
| COMPOSIÇÃO CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA | AAF ÁREA DAS ATIVIDADES FÍSICAS | JOGOS | JOGOS | | | | | | |
| | | JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS | ANDEBOL | | 8 | 8 | 16 | 90 | |
| | | | BASQUETEBOLE | 9 | | 10 | 19 | | |
| | | | FUTEBOL | 12 | 12 | 12 | 36 | | |
| | | | VOLEIBOL | 9 | 10 | | 19 | | |
| | | GINÁSTICA | SOLO | ACROBÁTICA | | | | 41 | |
| | | | | SOLO | 6 | 6 | 6 | | 18 |
| | | | APARELHOS | SALTOS DE BOCK | | | | | 23 |
| | | | | SALTOS DE MINITRAMPOLIM SALTOS DE PLUNTO | 6 | 8 | 9 | | |
| | | ATLETISMO | CORRIDA | BARREIRAS | | | 4 | 4 | 47 |
| | | | | ESTAFETAS | | | | | |
| | | | | RESISTÊNCIA | 5 | 8 | 5 | 18 | |
| | | | | VELOCIDADE | 5 | 6 | | 11 | |
| | | | SALTOS | ALTURA | | 6 | | 6 | |
| | | | | COMPRIMENTO | 5 | | 3 | 8 | |
| TRIPLO | | | | | | | | | |
| LANÇAMENTOS | DISCO | | | | | | | | |
| | PESO | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | |
| RAQUETES | BADMINTON | 15 | 8 | 14 | 37 | 37 | | | |
| | TÊNIS | | | | | | | | |
| | TÊNIS DE MESA | | | | | | | | |
| PATINAGEM | PATINAGEM | | | | | | | | |
| ARE | DANÇA/SOCIAIS/TRADICIONAIS | 6 | | 6 | 12 | 12 | | | |
| OUTRAS | ORIENTAÇÃO | | 5 | | 5 | 5 | | | |
| | LUTA | | | | | | | | |
| | RAGUEBI | | | | | | | | |
| ÁREA APTIDÃO FÍSICA | AF | FITescola Melhoria AF | 14 | 15 | 14 | 43 | 43 | | |
| ÁREA CONHECIMENTOS | OUTRAS | CONHECIMENTOS | 3 | 3 | 3 | 9 | 9 | | |
| | | | | AULAS PLANEADAS | 95 | 95 | 94 | 284 | 284 |
| | | | | AULAS RESERVA | 4 | 4 | 4 | | |

MATERIA PRINCIPAL | NÍVEL INTRODUÇÃO
 MATERIA PRINCIPAL | NÍVEL ELEMENTAR
 MATERIA COMPLEMENTAR | NÍVEL INTRODUÇÃO



ANEXO 2 – Estrutura Plano de Aula



Plano de Aula

| | | | |
|---|--------|--------------------|-------|
| Aula n.º: | Turma: | Número de Alunos: | |
| Duração: | Local: | Hora: | Data: |
| Material: | | Prof. Estagiário: | |
| Unidade Didática: | | Aula da U. D. n.º: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Objetivos Gerais da Aula: | | | |



| P | T | Objetivos Específicos | Conteúdos | Descrição/ Organização | Critérios de Êxito (CE)/Palavras-Chave |
|-------------|---|-----------------------|-----------|------------------------|--|
| Inicial | | | | | |
| Fundamental | | | | | |
| Final | | | | | |

Observações:

ANEXO 4 – Cartaz de divulgação do Seminário

14/JUNHO
HORA DE INICIO: 16H45

SEM INÁRIO

MED
MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA

RESULTADOS OBTIDOS
FEEDBACKS DOS ALUNOS
TUDO SOBRE A APLICAÇÃO DO MODELO
TESTEMUNO DOS ESTUDANTES ESTAGIÁRIOS

UM MODELO QUE DÁ VOZ AOS ALUNOS !

ORADORES:
ANA SANTOS
PATRÍCIA DA FONSECA
TIAGO ALVES

ISMAI - INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DA MAIA
EBS LEVANTE DA MAIA
NÚCLEO DE ESTÁGIO 2020/2021

Logos: Levante, Instituto Universitário da Maia ISMAI, and a yellow square with a white icon of a person with arms raised.

ANEXO 5 – Cartaz de divulgação do Desporto Escolar (Basquetebol)

